

O MODERNISMO E AS MODERNIDADES

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Colaboração
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah

*Cena do filme Tempos Modernos,
de Charles Chaplin, 1936*



E

m 1922, ocasião em que a Casa da Boia comemorava seu aniversário de 24 anos, o estabelecimento já havia presenciado e participado de inúmeros eventos de proporções nacionais e internacionais, como a Esposizione internazionale dell'Industria e del Lavoro (1911) e a Gripe Espanhola que abalou o mundo por mais de dois anos, conforme abordamos em nossa publicação disponível em www.casadaboia.com.br/cultural.

E não foi diferente com os acontecimentos transcorridos ao longo de 22, em que mais uma vez, a história da Boia se conecta com grandes fatos da história de nossa cidade, como a Semana de Arte que, entre 13 e 18 de fevereiro teve o Theatro Municipal como palco, e da história de nosso país, com a comemoração do centenário da Independência do Brasil, momento que reforçou a importância de São Paulo para a história nacional, em virtude do grito às margens do riacho do Ipiranga, que hoje abriga o túmulo do Imperador.



*O Theatro Municipal foi símbolo
e sede da Semana de Arte
Moderna de 1922.*

VIAGEM A SÃO PAULO
PARADA

Guilherme Gaensly

Hoje, cem anos depois dos acontecimentos daquela semana, convidamos todos para conhecer qual era o cotidiano da cidade que sediou estas festividades e manifestos.

Símbolo de progresso?

Cidade cosmopolita?

Ao longo do ano, exploraremos diversos aspectos relacionados a esse evento em nossos Editoriais e demonstraremos como os documentos de nosso acervo conseguem descortinar a presença da Casa da Boia nesse cenário.

Muito se fala sobre a Semana de Arte de 1922, mas pouca atenção é dada ao termo “moderno” que lhe adjetiva.

Afinal, o que representa?

Moderno em relação a quê?

Como surgiu esse movimento?

Estamos acostumados a ver em nosso dia-a-dia o emprego das palavras “modernização”, “modernidade” e “moderno”, cuja origem semântica advém da expressão latina *Modernus*, “atual, pertencente aos nossos dias”, trazendo atrelada a si uma noção de novidade, e que, quando relacionada a outros temas como urbanização e transporte, adquire o ambíguo sentido de “progresso”.

SEMANA DE ARTE MODERNA



S. PAVLO
1922

Manchetes de jornal estampam que “Metrô de SP investiu mais de R\$ 1,5 bilhão em expansão e modernização em 2021” (Metronews, 25/01/2022); anúncios de automóveis enfatizam seu aspecto “mais moderno” (O Estado de São Paulo, 27/01/2021); e editoriais sobre a renovação do jornal informam que “o Grupo Estado lança um produto mais moderno” (O Estado de São Paulo, 17/10/2021).

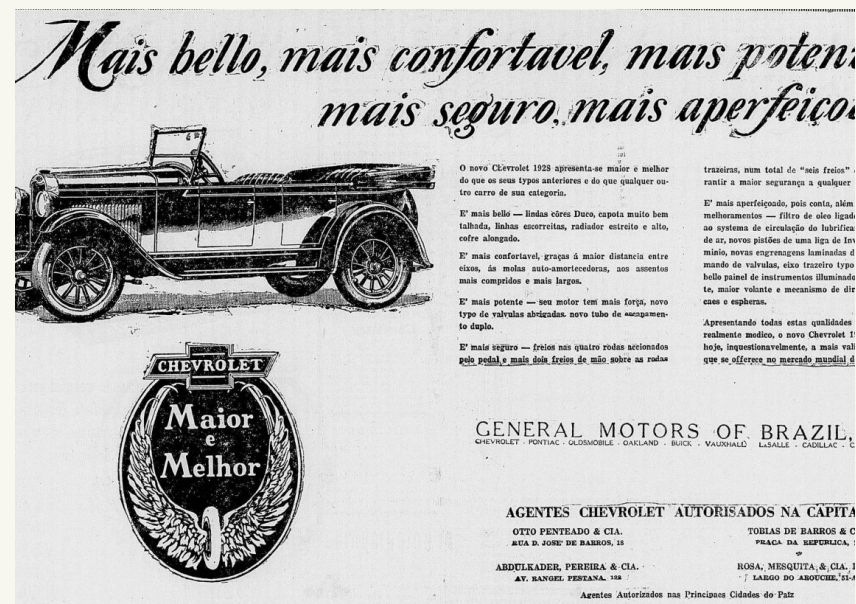
Os títulos e usos do termo expressam um tom de otimismo que demonstra que o “moderno”, o novo, é necessariamente sempre o que existe de melhor. Então, qual a vinculação desse conceito com os movimentos transcorridos entre fins do XIX e início do XX, período em que diversas concepções em torno do conceito de “moderno” foram desenvolvidas permeadas pelas transformações urbanas e artísticas?

Segundo o inglês Alan Colquhoun, arquiteto, professor e influente teórico da arquitetura no Séc. XX, “a principal questão do modernismo, tanto em arte, quanto em arquitetura, era que ele representava uma mudança na relação entre presente e passado, em vez de ser uma continuação de uma relação existente” (2004, p. 17-18).

Observamos que sua afirmativa carrega em si o tom de ruptura entre essas duas temporalidades e expressa uma concepção linear do tempo, com efeito cumulativo e causal, além de representar um apelo à racionalidade com o uso disseminado da tecnologia.

O historiador alemão Reinhart Koselleck ressalta que a “consciência do novo” não é fruto do século XX, mas advém do século XIX, momento em que a “experiência”, isto é, a forma de percepção do passado, e a “expectativa”, que se refere ao que ainda virá, sofreram uma ruptura, ainda que todas as temporalidades estejam entrelaçadas (2006). Logo, as inúmeras transformações ocorridas nesse contexto de virada entre os séculos fazia parecer ao cidadão comum que nada do que havia de exemplo no passado poderia ser utilizado como “lição” para o futuro vindouro.

A publicidade logo absorveu e se aproveitou do conceito de modernidade. O catálogo comercial da Casa da Boia, de 1920, exortava que empresa possuía a única máquina de produzir sifões existente no Brasil”.



A introdução da energia elétrica nas cidades, as mudanças técnico-científicas com produção em massa e seus efeitos sociais, a introdução de novos materiais como ferro, vidro e concreto na arquitetura, a aceleração dos meios de comunicação, o crescimento populacional e a experiência de atomização do indivíduo foram motrizes desse processo e se tornaram tema de inúmeras produções artísticas.

Junto com essas mudanças surgiram novas mazelas. Ao longo do século XIX a cidade se constituiu enquanto um fenômeno que se consolidou como objeto de estudo para especialistas, tais como médicos, engenheiros, autoridades públicas, dentre outros.

Decifrar a “cidade moderna” e seus pormenores criou interpretações ambíguas, que foram ora otimistas e ora pessimistas com relação às formas de vida neste espaço. Segundo o arquiteto Anatole Kopp ainda existe uma atualidade nas propostas do modernismo, já que ainda hoje questões que eram relevantes e que estavam na agenda cultural e artística do movimento vinculadas à transformação da sociedade como “problemas da habitação, da vida nas cidades, do lazer, dos transportes ou da localização planejada dos locais de moradia e trabalho” não foram solucionadas (1990, p.13).



Largo São Bento, década de 20. Guilherme Gaensly.

A SÃO PAULO “MODERNA”

Na virada do século XIX para o XX a sociedade paulistana passou por um processo de grandes transformações. O enorme crescimento demográfico promoveu o adensamento da cidade e incentivou a inserção de novas técnicas construtivas e materiais, a implantação de infraestrutura e serviços urbanos como sistemas de água, esgoto, iluminação, energia elétrica, gás e transporte urbano. Moradia, trabalho e condições de vida eram questões latentes neste contexto (GLEZER, 2007, p.170).

Nos escritos dos intelectuais ao longo do período vemos a profusão da utilização de termos como “metrópole”, “cosmopolita” e “moderno” para se referirem a São Paulo, sublinhando as mudanças no espaço urbano e apontando para um cenário de criação de novos modos de vida que não lembravam

os das pequenas comunidades. Revistas, jornais e anúncios indicam que a percepção das mudanças no cotidiano não se restringiam a determinados setores da sociedade, mas se tornaram palavras que

foram apropriadas no vocabulário da população.

A revista A Vida Moderna (1907-1929), de grande circulação e lida por parte da população alfabetizada da cidade, reunia propagandas que mostravam o crescimento na oferta de produtos que circulavam em São Paulo, os impactos da incorporação da tecnologia no dia-a-dia e colunas que destacavam os empreendimentos comerciais e industriais, com fotos de construções e matérias sobre o progresso econômico e arquitetônico, mostrando a capital como parte das metrópoles cosmopolitas.

A cidade que recebeu a mostra artística era, portanto, marcada pela tensão entre os anseios do projeto modernizador de grupos que visavam a promoção de reformas urbanas, e seus efeitos nas parcelas pobres da população.

O fato da Semana ter sido patrocinada e di-



Um grupo de auxiliares do Banco Francês e Italiano, vindo-se ao centro o cav. sr. V. Frontini, quando da festa realizada no "Triunfo".



A revista “A Vida Moderna repercutiu os acontecimentos da Semana de 1922 relatando o clima de estranhamento que os modernistas causaram em suas apresentações e a reação ao “futurismo”.

fundida pelo jornal Correio Paulistano, em especial pelo poeta Menotti del Picchia, filiado ao Partido Republicano Paulista (PRP), que reunia parcelas da elite da época, demonstra como o público do evento era conservador e abastado.

De forma que não causa surpresa o desconforto da plateia quando Mário de Andrade recitou seu poema “Ode ao Buguês”:

*“Eu insulto as aristocracias
cautelosas!*

*Os barões lampiões!
os condes Joões!
os duques zurros!*

*Que vivem dentro de muros
sem pulos!*

*E gemem sangues
de alguns mil réis fracos.*

*Para dizerem que as filhas
da senhora falam o francês.*

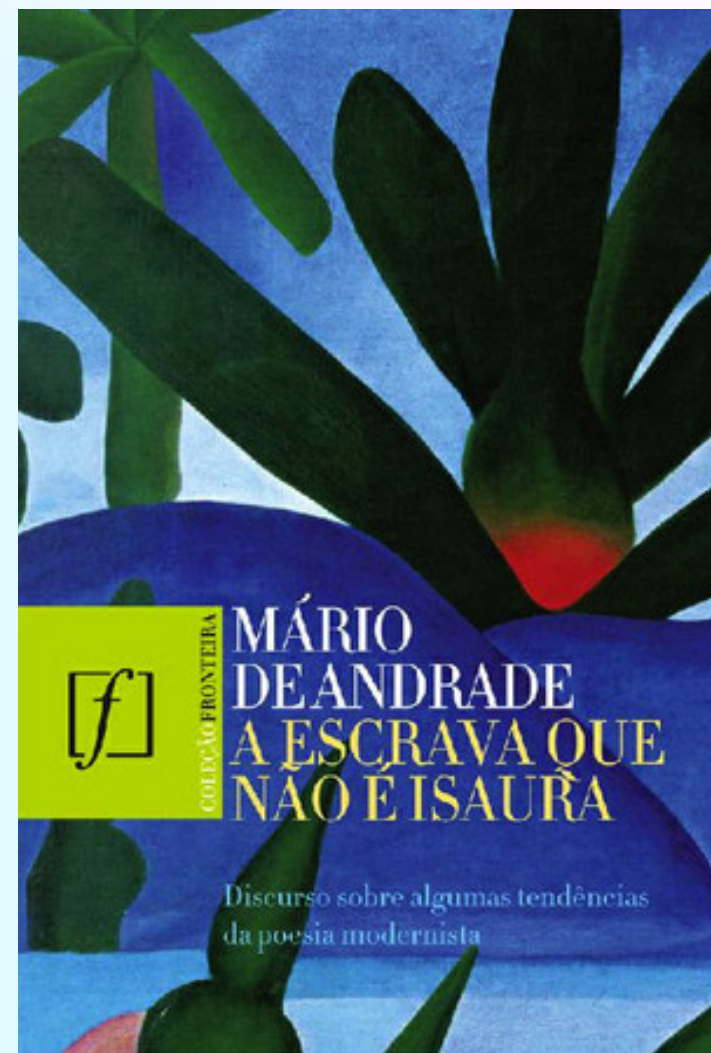
E tocam o Printemps com as unhas!

(ANDRADE, 2021).

No segundo dia dos eventos da Semana de 1922, Mário de Andrade realizou uma palestra que posteriormente se tornou o livro intitulado “A Escrava que Não é Isaura”.

Nela vemos o poeta sublinhar a dessemelhança entre o passado e o presente, frisando a descontinuidade entre as temporalidades e exaltando as inovações tecnológicas: “Novas sensações. Novas imagens. A culpa é da vida sempre nova em sua monotonia. Guilherme de Almeida continua amorosíssimo... pelo telefônio. E Luís Aranha endereça à querida este poema elétrico” (ANDRADE, 2010).

*Querida,
quando estamos juntos
vem do teu corpo para o meu
um jato de desejo
que o corre como **eletricidade**...
Meu corpo é o polo positivo
que pede...
Teu corpo é o polo negativo
que recusa...
Se um dia eles se unissem
a **corrente** se estabeleceria
e nas fagulhas desprendidas
eu queimaria todo o prazer
do homem que espera...*

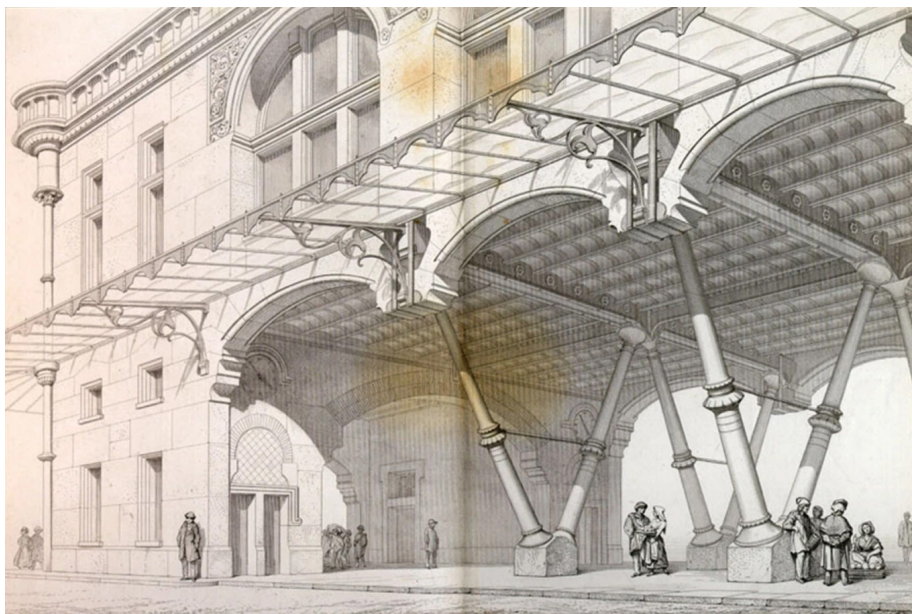


Seu manifesto reforça a crença de otimismo em relação ao movimento artístico e as propostas de seus expoentes para o futuro, uma vez que “essa inovação”, que era “justificada pela ciência”, e representava um apelo a uma racionalidade, levaria “a conclusões e progressos”.

Nesse sentido, Andrade reforçava a idealização do papel ativo do movimento na criação de um novo homem que atingiria sua “perfeição” no futuro, e do qual “somos apenas e modestamente os primitivos”.

Um ponto destacado em sua exposição e que foi amplamente discutido nos movimentos modernos em arquitetura se refere à passagem: “Mas a beleza é questão de moda na maioria das vezes. As leis do Belo eterno artístico ainda não se descobriram. E a meu ver a beleza não deve ser um fim. A BELEZA É UMA CONSEQUÊNCIA. Nenhuma das grandes obras do passado teve realmente como fim a beleza” (ANDRADE, 2010).

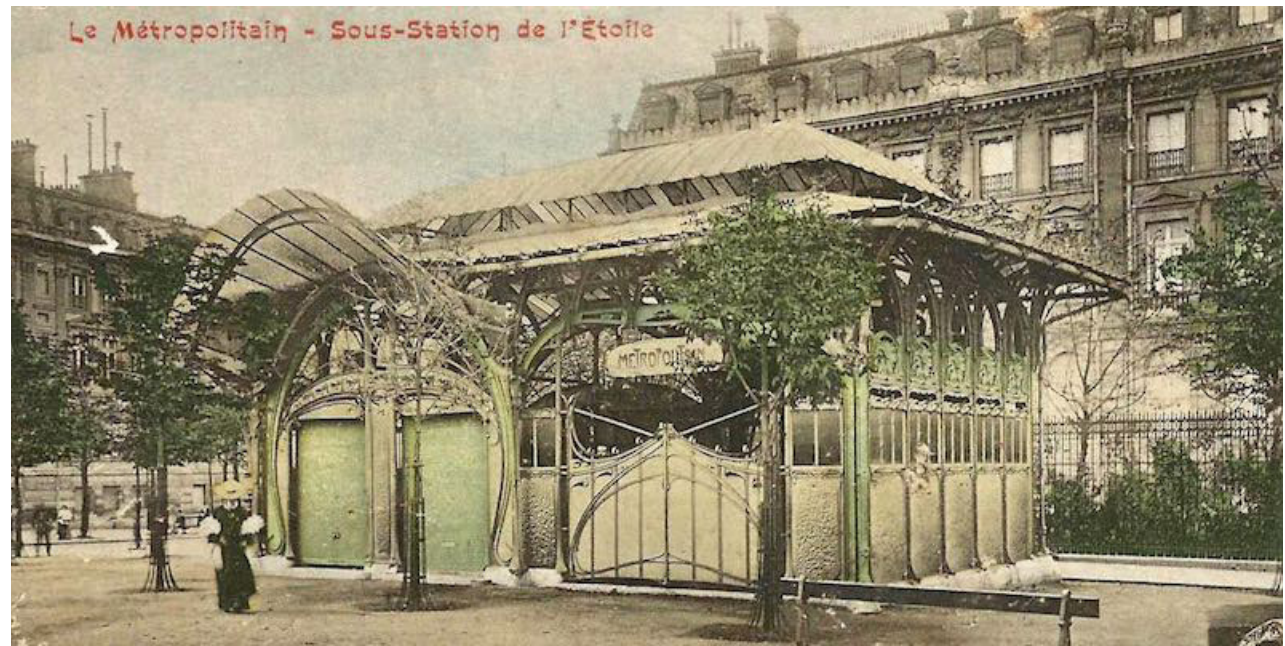
A relação entre arte e ciência, ornamento e estrutura eram questões de fundo para os arquitetos.



O francês Viollet le Duc, considerado por alguns como o precursor teórico da arquitetura moderna afirmou que sua melhor expressão era quando o “ornamento não pode ser divorciado da estrutura”.

Antoni Gaudí, integrante do movimento modernista catalão, propôs que “em arquitetura, nada é belo se não for verdadeiro”, e o arquiteto e desenhista francês Hector Guimard, responsável pelas construções em ferro e vidro de estações de metrô de Paris afirmou que “para ser verdadeiro, um estilo arquitetônico deve ser o produto do solo onde existe e do período que dele necessita.”

Portanto, a forma deveria se submeter à função, se vincular às condições técnicas, estruturais e sociais do lugar para o qual seria proposta, e ter como objetivo a simplicidade.



As experimentações modernistas dos arquitetos Viollet le Duc e Antoni Gaudí, na página anterior e Hector Guimard, que desenhou as estações do metrô de Paris.

Ao lado a cidade moderna, na visão de Tarsila do Amaral, em “São Paulo” e “Central do Brasil”, ambas de 1924.



*Rua XV de Novembro, 1940.
Hildegard Rosenthal.*



O que une essas diferentes concepções e por que podemos afirmar que são todas modernas?

Apesar de algumas particularidades relativas ao momento e o local em que foram produzidas, o compartilhamento de princípios na literatura, na arquitetura e nas artes visuais, associado ao fato de que ansiavam contribuir, por meio de sua obra, para a construção de uma nova sociedade que pudesse responder às modificações impostas pela “modernidade”, nos permite compreendê-las como expressões do mesmo movimento.

Diante deste cenário, convidamos aos leitores a nos acompanhar neste percurso pelos próximos editoriais, verificando como é possível dar materialidade às questões “modernas” que impactaram no espaço doméstico, na relação entre as pessoas e no viver na cidade, e como a Casa da Boia foi partícipe desse processo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário. A escrava que não é Isaura: discurso sobre algumas tendências da poesia modernista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ANDRADE, Mário. Paulicéia desvairada. São Paulo: Editora Serra Azul, 2021.

COLQUHOUN, Alan. Modernidade e Tradição Clássica: ensaios sobre Arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GLEZER, Raquel. Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo. São Paulo: Alameda, 2007.

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC/Rio, 2006.

*Cena do filme Metrópolis,
de Fritz Lang, 1927*

CASA DA
BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
março, 2022*